

UMA DÉCADA DE OUSADIA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS BRASILEIROS

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Dez anos atrás tomávamos a decisão de criar um periódico diferente dos que havia no país, “mais um meio – e um forte e expressivo canal, apost[áv]amos – de expressão de conhecimento não gerencialista, portanto crítico das relações entre estudos organizacionais e sociedade” (Saraiva, 2014, p. 6). A **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** chegou em

uma fase em que, o grupo [o NEOS] parece ter adquirido maturidade suficiente para oferecer à comunidade acadêmica um espaço de expressão plural, que abra caminho para produções e contribuições variadas que eventualmente não tenham espaço na maior parte dos periódicos de Administração. uma fase em que, o grupo parece ter adquirido maturidade suficiente para oferecer à comunidade acadêmica um espaço de expressão plural, que abra caminho para produções e contribuições variadas que eventualmente não tenham espaço na maior parte dos periódicos de Administração (Saraiva, 2014, p. 7).

Naquele primeiro editorial, dizíamos que:

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

Procuramos fugir, a todo custo, de uma espécie de “engaiolamento” do pensamento, que favorece uma determinada forma de expressão como a mais adequada apenas por ser a expressão dos desígnios hegemônicos vigentes. Encaramos como um desafio, mesmo entre os pesquisadores não funcionalistas, pensar “fora da caixa”, já que nossa formação e sociedade foram desenhadas para garantir a resignação frente a um sistema que “sempre esteve aí” e que não mudará por nossa causa. Recusamos isso, propondo a resistência como forma de viabilizar mesmo a nossa existência – na academia e fora dela.

E tal resistência passa pela recusa a toda forma de gerencialismo, de adoção de uma postura crítica com relação a qualquer fenômeno que, na interface entre organizações e sociedade, proponha, de maneira desproblematizada resultado, performance, competição, lucratividade, como elementos “naturalmente esperados”. Essa perspectiva instrumental do management não esgota o que são os estudos organizacionais. Os estudos organizacionais são maiores do que a Administração porque não se limitam à ideia de gerenciar o que quer que seja. Com isso queremos dizer que se a dimensão operacional das organizações é indiscutivelmente importante, mais importante ainda é o que está além da administração, a força dos aspectos humanos em suas múltiplas interfaces no ambiente organizacional.

Privilegiamos, nessa revista, a produção de conhecimento politizada, que não nega o pressuposto de que quem produz conhecimento, o faz a partir de um determinado lugar, que tem a ver com sua origem, sua experiência, cognição, com a história e relações sociopolíticas, só para ficar em alguns aspectos. Isso dirige naturalmente o periódico a um compromisso com debates de alto nível, próprios de quem, por questionar o mundo que nos cerca, o toma sob diversos prismas de análise (Saraiva, 2014, p. 8-9).

Em que pese alguma vaidade e as inevitáveis críticas, das quais não nos esquivamos por entender que elas permitem aperfeiçoamentos, passados dez anos, ao ler o que nos propúnhamos a ser enquanto periódico, estes primeiros dez anos de existência da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** nos parecem dignos de comemoração, para além da cronologia.

Ousamos propor um espaço que intuíamos que existia, e nossa aposta parece ter sido certa. Tornamo-nos, enquanto periódico, um destino respeitável para a veiculação de reflexões que têm eventualmente pouco espaço ou repercussão em circuitos convencionais de publicação definitiva no campo de estudos organizacionais. Com uma abertura efetiva à interdisciplinaridade, somos o que se poderia considerar um periódico de nicho, e por alguns motivos.

Em primeiro lugar, não seguimos a perspectiva convencional dos periódicos da área de Administração, que reservam apenas uma seção à discussão de estudos organizacionais em meio a outras áreas marcadamente funcionais. Os estudos organizacionais são o nosso negócio: assim, uma perspectiva comprometida com este campo é central para as possibilidades de publicação que disponibilizamos para quem nos lê.

Em segundo lugar, não publicamos material positivista, o que significa deixar de fora do nosso escopo a grande maioria da pesquisa produzida no campo. Este é uma escolha política declarada do periódico, que se propõe a

fomentar, propagar e contribuir para os estudos organizacionais em uma ótica não-funcionalista. Nesse sentido, este periódico constitui um espaço interdisciplinar, aberto para que se possa discutir e propor temáticas, abordagens críticas e inovadoras e objetos não ortodoxos nos estudos organizacionais. fomentar, propagar e contribuir para os estudos organizacionais em uma ótica não-funcionalista. Nesse sentido, este periódico constitui um espaço interdisciplinar, aberto para que se possa discutir e propor temáticas, abordagens críticas e inovadoras e objetos não ortodoxos nos estudos organizacionais (Saraiva, 2014, p. 11).

Nesse sentido, de certa forma redefinimos a onipresente perspectiva meritocrática da maior parte dos periódicos da área, que coloca a hegemonia das pesquisas positivistas como régua para avaliar, “cientificamente”, “o que falta” aos estudos não positivistas, o que resulta em dificuldades objetivas para sua

publicação. Temos trabalhado ao longo desses dez anos compondo uma grande rede com pareceristas de todo o país com outra orientação editorial, não apenas detalhando os eventuais problemas das contribuições submetidas, mas efetivamente dirigindo-os à construção de textos que pavimentem outras possibilidades de conhecimento nos estudos organizacionais. Para isso os pareceres constituem uma soma dos pontos a serem melhorados enxergados pelos avaliadores *ad hoc* e da editoria, que se compromete ao assumir uma visão a respeito do tipo de produção que deseja ver veiculada no periódico. Com poucas exceções, felizmente, isso tem resultado em publicações provocativas e alinhadas às nossas pretensões editoriais declaradas dez anos atrás.

Parabéns para a comunidade de Estudos Organizacionais brasileira por acolher e estimular a presença da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, a partir da qual estendemos as congratulações aos colegas ibero-americanos que militam nos estudos organizacionais. Parabéns para a Universidade Federal de Minas Gerais, para a Faculdade de Ciências Econômicas, para o Departamento de Ciências Administrativas, para o Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração e, em especial, para o Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS), por permitirem a emersão este periódico e, a partir dele, que tenham sido possíveis e viáveis outras possibilidades de conhecimento. Reforçamos as mesmas posições de dez anos atrás ao tempo que nos preparamos para a próxima década de existência. Que venha o futuro!

Neste número, que inicia as comemorações dos dez anos de existência da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, contamos com a **Capa Ouro de Tolo**, de *Alexandre Béhar*. Ela trata da inescapável pretensão de controle no contexto das organizações, um processo que conta com constantes tentativas

de manipulação da sua adesão ao projeto organizacional, uma lógica cada vez mais complexa e permeada de níveis variados de perversidade.

Na seção **Ensaio**, *Renata Couto de Azevedo de Oliveira* nos brinda com a contribuição *Tecnocultura, experiências de consumo e o consumidor gamificado*. Neste texto, ela trata da figura do consumidor gamificado, subsumido em uma dinâmica tecnocultural que estimula a competição e o desempenho ao mesmo tempo em que obscurantiza as relações subjacentes de trabalho e de classe. O argumento defendido é que a gamificação atua como ideologia que normaliza o trabalho imaterial dos consumidores, fazendo com que as experiências gamificadas de consumo se associem à permissividade, ao excesso hedonista, ao individualismo e também às liberdades pessoais, características da sociedade do gozo.

Neste número temos o prazer de apresentar o **Dossiê** *Mundo do trabalho no século XXI: novos e velhos desafios?*, competentemente editado pelos professores *Elizardo Scarpati Costa* e *Pablo Emanuel Romero Almada*. Este dossiê é composto por cinco contribuições, sendo a primeira delas, *Mundo do trabalho no Século XXI: novos e velhos desafios?*, de autoria dos editores especiais *Elizardo Scarpati Costa* e *Pablo Emanuel Romero Almada*, que explicitam os pontos de partida da empreitada.

Em seguida, *Gabriela de Barros Fernandes*, *Cynthia Adrielle da Silva Santos* e *Rafaela Carvalho Nascimento Silva* apresentam *A invisibilidade social no ambiente de trabalho: um estudo de caso com os terceirizados de serviços gerais de uma universidade pública no estado do Rio de Janeiro*. Esta pesquisa discute a precarização do trabalho no que se refere à invisibilidade social sobre a qualidade da prestação de serviço acometida em um ambiente de trabalho de uma universidade federal na região metropolitana do Rio de Janeiro. Os principais resultados sugerem que grande parte dos terceirizados já se sentiu “invisível” em

seu ambiente de trabalho, atribuindo esta percepção ao seu vínculo empregatício precarizado.

Reforma trabalhista e precarização do trabalho segundo atores do direito do trabalho é o título da contribuição de *Marley Rosana Melo de Araújo, Pedro Henrique Reis Divino, Simone Souza Silva e Karen Batista*. Es autores, investigam a compreensão de diferentes profissionais do Direito do Trabalho acerca da reforma trabalhista brasileira e seus impactos, tanto para trabalhadores em geral, quanto para si próprios, enquanto trabalhadores do direito. Os resultados apontam que a reforma trabalhista fortalece a precarização do trabalho ao afetar a esfera laboral nas perspectivas individual, social e institucional.

Rafaela da Cunha Pinto, em *Uma categoria flexível ou a flexibilidade da categoria? As experiências de cientistas sociais em organizações não governamentais*, a partir de entrevistas sobre trajetórias de cientistas sociais atuantes na região Amazônica, seus pontos de vista sobre a categoria cientista social e suas contribuições para projetos que valorizem questões de direitos humanos e socioambientais, discute a respeito do mercado e da contribuição de tais profissionais nesse contexto.

Encerrando o dossiê, *Viviane Vidígal*, na contribuição *A aparência e a essência da uberização do trabalho*, sistematiza as ilusões da uberização do trabalho ao investigar esse processo à luz das trajetórias pessoais e profissionais de homens e mulheres que exercem a atividade de motoristas de aplicativos nas regiões metropolitanas de Campinas e São Paulo. A precarização do trabalho via plataformas digitais, mais recentemente denominada uberização, constitui uma forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho que se distancia do assalariamento formal, podendo resultar em uma precarização dos direitos laborais, desrespeito e descumprimento contumaz de direitos elementares.

Por fim, na seção **Relatórios**, apresentamos dois textos: no primeiro (*Pareceristas ad hoc – ano 2022*), registramos e agradecemos nominalmente a cada colega que, voluntária e generosamente trabalhou na avaliação e na melhoria do material submetido ao periódico. Foram eles e elas que concretamente permitiram que **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** continue se consolidando como um lugar cada vez interessante para a veiculação de ideias da comunidade ibero-americana de Estudos Organizacionais. Muito obrigado. No segundo texto (*Estatísticas – ano 2022*), prestamos as contas das estatísticas da revista no ano de 2022 à nossa comunidade.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Saraiva, Luiz Alex S. (2014). Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 1-18.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2023). Uma década de ousadia nos estudos organizacionais brasileiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(27), 1-8.